



PICO MATIAS SIMÃO: GEODIVERSIDADE, IDENTIDADE E USO

SALOMÉ MENESES*

* GEÓLOGA/COORDENADORA
EXECUTIVA DO AÇORES GEO-
PARQUE MUNDIAL DA UNESCO.

FOTOS: PAULO HENRIQUE SILVA

A GEODIVERSIDADE corresponde à "variedade de ambientes geológicos, fenómenos e processos ativos que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida na Terra" (Bri-

lha, 2008). De uma forma simplificada, a geodiversidade engloba todas as estruturas e fenómenos que são a "fábrica da paisagem", que compõem o palco para a biodiversidade, e a nossa "casa" enquanto seres humanos.

As ilhas dos Açores são um autêntico mosaico de geodiversidade: vulcões, campos lávicos, caldeiras, lagoas, fumarolas, águas termais, grutas e algares, fajãs, escarpas de falha e depósitos fossilíferos marinhos, entre tantos outros, são alguns dos elementos que compõem este mosaico. Dos vulcões ergueram-se nove ilhas e diversos ilhéus, dando rocha e solo à relevante biodiversidade que aqui se desenvolveu. Há cinco séculos receberam o Homem, criando uma paisagem natural e cultural única – a identidade do nosso povo que Vitorino Nemésio definiu como Açorianidade:

"O produto histórico de cinco séculos de vivência humana em meio de mar e solidão, de vulcões e de tempestades (...)"

Vitorino Nemésio

De facto, o património cultural (material e imaterial) açoriano, é indissociável da geodiversidade, desde a gastronomia às tradições (muitas delas religiosas), passando pelo toponímia e património edificado. A relação humana com a paisagem





natural é mutável ao longo dos tempos e acompanha, espontaneamente, a evolução da própria sociedade. A necessidade e a dependência de determinados recursos altera-se, e a consciência do valor associado à paisagem como um todo é crescente. A preservação da identidade natural e cultural de determinado local, acompanhada pelo desenvolvimento socioeconómico sustentável, baseia-se assim num "arriscado" equilíbrio entre o usufruto e as medidas de conservação e valorização aplicadas.

O PICO MATIAS SIMÃO

Localizado na faixa costeira da freguesia dos Altares, ilha Terceira, este Pico insere-se no geossítio Biscoitos-Matias Simão (do Açores Geoparque Mundial da UNESCO) e na Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies Planalto Central e Costa Noroeste (do Parque Natural da ilha Terceira). Os seus valores naturais e culturais, são especialmente interessantes e constituem um exemplo da mutação do uso e do processo (urgente) de conservação e valorização da paisagem.

Em termos geológicos, o Pico Matias Simão

corresponde a um cone de salpicos de lava (*spatter*), instalado numa fratura radial ao grande vulcão da Serra de Sta. Bárbara. A atividade vulcânica que lhe deu origem assumiu características estrombolianas (média explosividade), emitindo lavas de composição basáltica, com características muito particulares. Um olhar atento aos magníficos afloramentos que se descobrem na subida ao Pico e na área envolvente, revela que a atividade vulcânica se desenrolou em diferentes fases, emitindo materiais distintos: cinzas vulcânicas (de cor negra), cobrem o solo primitivo e estão, elas próprias, cobertas por piroclastos de maiores dimensões, e material muito fragmentado; em níveis superiores, surgem magníficos piroclastos soldados de cor negra e avermelhada, autênticos salpicos de lava, com formas retorcidas, envoltos numa fina camada vítrea, e que fazem adivinhar o "fervilhar" do vulcão. Este é um dos mais belos e didáticos exemplos de cones de salpicos de lava presentes nos Açores.

O aparelho vulcânico, que se eleva até aos 153 metros, encontra-se muito dissecado pela ação do mar, tendo sofrido diversos colapsos das suas arribas o que provocou um recuo da falésia e criou na sua base importantes depósitos de cascalho, e baixios.

Este pequeno vulcão encontra-se coberto por importantes exemplos de espécies de flora endémica e nativa dos Açores como a Urze (*Erica azorica*), a Faia-da-terra (*Morella faya*), ou o feno (*Festuca petraea*) – utilizado para fazer pincéis de caiar, e reúne as condições ideais para a receção de cagarros (*Calonectris diomedea*) que migram até aos Açores para nidificar.

Desde o povoamento que este singelo aparelho vulcânico revelou a sua importância para o Homem, estando, segundo os Padres Jerónimo Emiliano de Andrade e António Cordeiro, na origem do nome da própria freguesia – "...um altar que vem render-se ao mar". (...) "Tão alto que ser-



ve aos pescadores, em grande distância da costa, a qual toda por ali é de rocha viva e alta, e o mar perigoso em razão dos muitos baixios que tem". Foi ponto de vigia da baleia, dando apoio ao Porto dos Biscoitos e inspirou lendas e contos, de onde se destaca o escrito do Dr. Cardoso do Couto, em "A União" de 2 de setembro de 1940, onde se lê:

"Pensando bem e consultando velhas histórias verificamos que, muito pelo contrário, foi aquele monte outrora desesperadamente disputado pela terra e pelo mar. (...) Deus, então, talhou-o ao meio e deu metade a cada um dos pretendentes. O mar receando pelo seu futuro dispensou a sua herança para que nunca mais se congregasse; a terra nunca mais deixou de acariñar a metade que lhe coube em sorte".

A 8 de dezembro de 1940, foi inaugurado no seu topo, um Cruzeiro evocativo da Restauração da Independência, da autoria do Mestre Maduro Dias, embelezando o miradouro que permite vislumbrar a paisagem do mar à serra e, em dias bons, as ilhas Graciosa, S. Jorge e Pico.

Merece destaque o contributo do aparecimento deste vulcão, para o desenvolvimento socioeconómico da freguesia dos Altares. Sabe-se que na sua base, proliferaram campos de vinha, aproveitando a austeridade da rocha vulcânica por ele emitida. É, no entanto, o barro, a sua grande dádiva, tão bem aproveitada e valorizada pelos altarenses. A atividade vulcânica que deu origem ao Pico Matias Simão, emitiu grande volume de material piroclástico a elevadas temperaturas, que cobriu o solo pré-existente, alterando-o e transformando-o em matéria argilosa (um paleossolo). Em diversos pontos dos Altares (maioritariamente na área envolvente ao Pico), a pouco mais de 1 metro de profundidade, surge um barro "sofrível", que potenciou o aparecimento dos três telhais dos Altares, especializados na produção de telha de canudo e tijolo (Telhais da Canada do Laranjo, de Nossa Senhora do Carmo, e das Achadas). Os registos dizem que a primeira licença para a instalação de um forno de telha na freguesia data de 1936, no entanto, a produção de telha nos Altares será certamente anterior a esta data, acompanhando o ponto de viragem na procura de telha na ilha Terceira, desencadeado pela atividade sísmica que assolou a ilha em 1841.

Os telhais das Achadas e de Nossa Senhora do Carmo ruíram no tempo, mas o telhal da Canada do Laranjo funcionou até à década passada, preservando a sua autenticidade no método de fabrico da telha e no próprio complexo edificado. A ruína eminente do telhal ameaça a extinção da arte, e com ela a memória da importância do Pico, do barro e da telha de canudo.

O Pico Matias Simão constitui assim um local de especial interesse científico, didático e turístico, devido à importância dos valores naturais e culturais a ele associados (a história que nos conta). Por forma a potenciar o seu uso, preservando a sua genuinidade, urge uma estratégia de valorização do local, permitindo a sua visita e interpretação. A Junta de Freguesia dos Altares, em sintonia com o proprietário, tem mantido e melhorado gradualmente o acesso ao Pico; no seu topo, um painel de interpretação permite compreender a paisagem com que o visitante se depara e a relevante geodiversidade associada a este cone de salpicos de lava, bem como o seu contributo para a formação do barro. A crescente consciência da importância deste local tem motivado a sua valorização, num processo gradual, ainda com caminho a trilhar - a melhoria das condições de visita e usufruto da paisagem, e... a preservação da memória dos telhais.